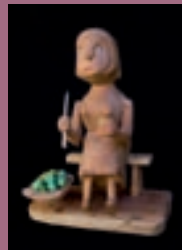


Imagens do São Francisco



Imagens do São Francisco



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular
Iphan / Ministério da Cultura

MINISTRO DA CULTURA
Juca Ferreira

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E
ARTÍSTICO NACIONAL
Presidente | Luiz Fernando de Almeida

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
Diretora | Márcia Sant'Anna

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA
POPULAR/CNFCP
Diretora | Claudia Marcia Ferreira

apoio

apoio institucional

Emater | MG
Prefeitura de Cônego Marinho
Associação de Amigos da Cultura da Região de Januária



realização



Sala do Artista Popular

RESPONSÁVEL
Ricardo Gomes Lima

EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO
César Baía, Marylia Dias e Sandra Pires

PESQUISA E TEXTO
Ricardo Gomes Lima

EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS
Lucila Silva Telles
Ana Clara das Vestes (estagiária)

DIAGRAMAÇÃO
Maria Rita Horta e Lúgia Melges

FOTOGRAFIAS
Francisco Moreira da Costa
Marcel Gautherot (acervo CNFCP) – p. 9

PROJETO DE MONTAGEM E PRODUÇÃO DA MOSTRA
Luiz Carlos Ferreira

PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA
Alexandre Coelho

I31	<p>Imagens do São Francisco / pesquisa e texto de Ricardo Gomes Lima. – Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2008.</p> <p>32 p. : il. – (Sala do Artista Popular ; n. 147).</p> <p>ISSN 1414-3755</p> <p>Catálogo da exposição realizada no período de 23 de outubro a 23 de novembro de 2008.</p> <p>1. Arte popular – Minas Gerais. 2. Artistas populares – Minas Gerais. I. Lima, Ricardo Gomes, org. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDU 7.067.26(815.1)</p>
-----	---

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



Reza para São Gonçalo, Galpão do Candeal, Cônego Marinho, ago/2008

Imagens do São Francisco

RICARDO GOMES LIMA

O norte de Minas Gerais constitui uma região que nas duas últimas décadas tem estado presente com certa regularidade na Sala do Artista Popular. A cerâmica – em especial potes, pratos, panelas e moringas – do Candeal, localidade rural do município de Cônego Marinho (SAP 76); os cestos de bambu trançados pelos irmãos Valdivino e Valdomiro Campos (SAP 110) e os objetos em flandres confeccionados por Seu Irênio, único flandreiro em atividade na região de Januária (SAP 122); as violas, rabecas e caixas – instrumentos musicais de São Francisco (SAP 124); a imaginária sacra esculpida por mestre Manoel Silvio Fonseca, de Buritizeiro (SAP 133); os bordados da família Dumont, de Pirapora (SAP 130); e os pilões, gamelas e colheres de pau dos “gameleiros”¹ do Bom Sucesso, no município de Pedras de Maria da Cruz (SAP 104), são expressões dessa presença e atestam o diversificado repertório dos fazeres que resultam da riqueza da inventiva popular na região.

Esta exposição vem se somar à unidade das demais mostras, posto que todas são expressões vivas de culturas

singulares. Nesse sentido, cada uma reflete uma realidade particular, expressa uma “verdade” que é única e própria do grupo social que lhe dá forma, seja esse grupo formado por ceramistas, carpinteiros, cesteiros, flandreiros, mestres do trançado, da escultura em madeira ou dos bordados. Ao mesmo tempo são exposições de objetos fortemente marcados pela tinta regional, que lhes confere colorido particular, que nos permite falar em identidades, já que os objetos podem ser identificados como originários daquela região, distintos de outros produzidos em diferentes pontos do país ou mesmo no estado de Minas Gerais.

A região guarda expressões de grande relevância do que se convencionou chamar arte popular.² Dançadores de São Gonçalo, folias-de-reis, folias do Divino, grupos de pastorinhas, cavalhadas e reisados, restringindo-nos às *performances* coletivas, são algumas das chamadas manifestações folclóricas cuja presença é evocada sempre que se quer dar ênfase à tradição e à capacidade de resistir à importação de modelos de comportamento e formas culturais externos à região.

Assim também ocorre no campo da produção plástica. Diversos são os artistas que, utilizando materiais distintos, mais comumente o barro e a madeira, dão expressão a criações plásticas definidoras de um fazer artístico característico.

Nesta oportunidade, a Sala do Artista Popular apresenta ao público freqüentador de seu espaço no Rio de Janeiro, enquanto registra para um público e um tempo outros, por meio deste catálogo, a obra de sete artistas residentes nos municípios de Januária e Cônego Marinho.

Para além da singularidade das obras que realizam, é de se notar a unidade dessa produção. Na madeira, na pasta formada pela mistura de papel e barro, nas pinturas óleo sobre tela e nas aquarelas, todos eles se voltam para o registro da região, preocupados em fixar os aspectos de uma realidade que tende a se transformar, ou nela se inspiram, reproduzindo a paisagem física e cultural, seus tipos humanos, os costumes sociais que marcam as maneiras de viver das populações locais. O que nos leva a pensar em uma arte regional.

No regionalismo que domina a produção desses artistas, um fator se destaca: a referência ao rio São Francisco e sua importância tanto para a vida social, para as cidades ribeirinhas e para o desenvolvimento da região, quanto para o imaginário de todos – a população em geral e os próprios artistas. Isso é patente nos depoimentos colhidos, nos quais a referência ao rio é uma constante, marcando a realidade social, as histórias de vida de cada um, projeções e devaneios. Sem dúvida, o São Francisco é componente primordial do



processo de criação desses indivíduos, servindo-lhes de matéria-prima para o imaginário, de fonte inspiradora para a constituição de seus sonhos e de suas obras.

A importância do “rio da integração nacional” para o desenvolvimento socioeconômico da região, e mesmo para a economia do país, é ponto por demais conhecido de todos. Não cabe a nós, portanto, nos determos no tema aqui, dada sua abrangência e as questões que suscita. Para nossos propósitos, no entanto, é pertinente o reconhecimento da relação particular existente entre o rio e os processos artísticos em

geral, uma vez que a referência se apresenta no discurso e na obra dos artistas aqui enfocados.

A relevância do São Francisco no universo da produção artística nacional não vem de hoje. O rio é referência em Guimarães Rosa e em muitos outros escritores, poetas, músicos, pintores, escultores, fotógrafos. Inúmeros são os artistas que nele se inspiraram para criar suas obras, ou que as criaram em relação direta com ele. Para nos ater ao campo específico das artes plásticas populares, basta que nos recordemos de Francisco Biquiba de Lafuente Guarany (1884-1987), o grande mestre Guarany, exímio escultor de

figuras de proa. Essas peças, mais tarde batizadas como carrancas, esculpidas em troncos de madeira maciços, de forte impacto visual, no passado, eram colocadas à frente das embarcações que cruzavam o médio São Francisco tendo por função protegê-las contra a ação maléfica dos sobrenaturais que habitavam as profundezas das águas, como o minhocão e o caboclo d’água, e identificar a embarcação que se aproximava dos portos de cada cidade ribeirinha.³

Desaparecidas dos barcos em meados do século 20, data que coincide com a introdução do motor na navegação regional – inovação a que a população nativa atribui responsabilidade no desaparecimento dos sobrenaturais do rio, devido ao barulho que os afugentava –, as carrancas foram destituídas do caráter protetor que até então as definia, muito embora permaneçam como um dos temas mais recorrentes na obra dos

artistas regionais. Desenhada, pintada, modelada, moldada, esculpida, em papel, tinta, massas plásticas diversas, barro ou madeira, atualmente, a carranca é tema quase que meramente decorativo ao se converter em objeto para compor ambientes, para se carregar em chaveiro, ímã de geladeira e souvenir para turistas que viajam pela região, ou item com que a população local presentearia amigos e parentes quando em viagem a outros centros.



Carranca de José Francisco



Entretanto, essa arte regional não se faz apenas de rios e carrancas, mas abarca muitas outras expressões presentes em todo o vale do São Francisco. É o que revelam as obras em exposição, resultado da criatividade dos artistas selecionados, nascidos na região no decurso de 30 anos e aqui apresentados cronologicamente.

Sete indivíduos. Pessoas comuns como tantas outras também nascidas na região. Mas, a despeito das diferenças, histórias de vida, visões de mundo particulares, características de personalidade que os tornam indivíduos, únicos, inconfundíveis, são artistas que fizeram da região, da geografia cultural, das paisagens e tipos humanos e sociais o foco de seus interesses. Nesse sentido se irmanam, se confundem.

LUCINDO, PARA QUEM O SONHO É UM DESEJO OPRIMIDO

Lucindo Barbosa dos Santos nasceu em 31 de outubro de 1951, na localidade de Lapa do Tejuco, no município de Januária. Filho de pescador, ficou órfão nos primeiros anos da infância; com cinco irmãos, foi criado pela mãe. “Naquele tempo, isso aqui não tinha nada. O brinquedo de menino de antigamente era brincar de chiqueirinho, de curralzinho de sabugo, fazer aqueles boizinhos de sabugo de milho”,⁴ diz ele.



seus boizinhos no terreiro quando ouviu ao longe uma zoadada. Era um som estranho, até então desconhecido. O som foi crescendo, crescendo e o menino, apavorado, deixando pelo caminho os sabugos, aos pedaços, pisados, destruídos, fugiu para dentro da casa. Foi com pavor que, pela janela entreaberta, viu passar, jogando poeira para todos os lados, um ser nunca antes imaginado. Assim Lucindo narra seu primeiro contato com um caminhão.

Foi também por aquela mesma época que Lucindo começou a dar vazão a seu universo imaginário, externando-o

E a irmã, Lindaura, com quem mora, junto a mais um irmão, confirma: “Para ir a Januária tinha que ir a cavalo e era muitas horas. Chegava tudo duro, o corpo doendo.” Assim se criou Lucindo, no meio rural, distante dos “progressos da civilização”.

Ali, certo dia, o garoto, que já tinha uns oito ou dez anos, brincava com



por meio de grafismos riscados no chão de terra batida. As “riscaduras”, feitas com graveto, reproduziam elementos da realidade ou mesmo imagens idealizadas, retiradas da imaginação.

Por volta dos 12 anos fez sua primeira escultura: a imagem de um santo esculpida num pedaço de *barriguda*, madeira comum na região, macia, gentil, que não opôs resistência ao corte da faquinha cega que o garoto usava pela primeira vez. Pintou-a de preto e, orgulhoso, saiu a mostrar seu feito à vizinhança. A madrinha, que o viu chegar, admirou a imagem

do santo e, segundo o costume, benzeu-se. Em seguida, para surpresa de Lucindo, presenteou-o com um ovo de galinha. Acreditara que o menino saíra a pedir esmola. Voltando à casa, o ovo foi comido e o santo não mais saiu; ficou o incentivo para que outras figuras fossem esculpidas, além da lembrança que Lucindo revive com meio sorriso permeado pela saudade.

Lucindo atribui o princípio de seu trabalho, a origem da arte que cria ao esculpir figuras em madeira, em parte, ao acaso. Como tantos outros artistas populares deste país, relaciona a um difuso dom a inclinação para a arte, que, no início, não foi assumida como tal. Era mero fazer, passatempo de criança.⁵ “As peças, eu fazia, deixava em casa, pra brincar. Aí o povo chegava, via e gostava. Era boizinho, cavalinho, carrinho de bois. Daí uns queria comprar. E assim começou.”

A primeira peça que vendeu foi esculpida num tronco de cajá. Foi um galo. Dos muitos que desde então tem criado. Galos, galinhas, rodeados de pintinhos. Tudo pintado com tinta de madeira, procurando reproduzir com fidelidade as cores reais dessas aves e constituindo peças que, revela, são uma de suas temáticas preferidas.

Atualmente está fazendo mais forró pois “o povo acha mais importante”. Também gosta de esculpir casais de



lavradores, carrinhos de boi, figuras de velhas – “as pessoas olham e vêem a aparência da avó. Aí compram. São velhas de boa aparência”.

Sua predileção é mesmo a madeira. Das diferentes espécies da região, à imburana reserva lugar especial porque

é macia e responde bem ao corte e à lixa. Suas peças são esculpidas com auxílio de formão, faquinhas e furadeira. Toda a produção é comercializada por intermédio do Centro de Artesanato de Januária.

Além de esculpir, Lucindo também pinta painéis e cartazes para escolas e igrejas da região. Aproveitando faixas de propaganda já utilizadas, recobre-as com tinta branca “para encorpar mais”, tornando-as mais resistentes. Uma vez secas, repinta-as, especialmente com



imagens de santos. É ofício associado à crença religiosa, pois o artista é católico e grande devoto dos santos de sua religião. “Eu gosto das coisas de Deus”, afirma. A escola, frequentou até a terceira série primária na própria localidade do Tejuco. Muito embora saiba ler e escrever, não assina as peças que cria. E nem vê razão para tal.

Indagado acerca do processo de criação, assim se expressa:

A gente pensa muito, imagina muito e o sonho é um desejo oprimido. À noite, eu sonho que estou trabalhando, fazendo uma peça. O que a gente pensa, o que a gente imagina, aí a gente sonha. Eu já sonhei em pintar quadro em floco de algodão. E nunca tentei pintar. Forrar o quadro todo de floco de algodão e pintar, formando as nuvens, as árvores...

O artista é também exímio músico. Sanfoneiro, acompanha o terno de reis da localidade, em apresentações de porta em porta por ocasião do ciclo natalino.

Eu tinha muita invocação. Aí eu pegava uma nota, pensando que não... eu conseguia acertar. Aí a influência foi



crescendo na gente. Eu tinha uns 20 anos. Aqui tinha o Batistinha que tocava na época. Aí eu ficava olhando. Tinha um irmão que tocava também. Aí depois ele parou e passou a sanfona pra mim.

Seu repertório inclui tanto peças do cancionário tradicional da região – como as músicas de São Gonçalo e de reis –,

quanto as canções de Luiz Gonzaga, de quem se revela grande admirador.

Além das artes de pintar e esculpir, de tocar e cantar, Lucindo também é agricultor. Alterna os fazeres do mundo artístico com a lida da roça, em terras que herdou da mãe. Diariamente, janta às quatro horas e se deita por volta das seis da tarde para se levantar cerca de quatro da manhã. Véspera de festa, deita-se ainda mais cedo, preparando-se para a noite seguinte, pois, diz, “não tem sono que me barra”.

Numa ocasião, pegou a sanfona e tocou 36 rodas de São Gonçalo, continuamente, por algumas horas.

Na roça, que “é aventura porque tem ano que chove mais mas tem ano que chove menos”,

planta milho, feijão, abóbora, mandioca, produtos tradicionais e base da alimentação familiar. Com o que colhe, alimenta também as galinhas e

um ou outro porco mantido pela família para o consumo doméstico. O excedente da produção, em ano pródigo, é vendido. Mais recentemente, passou a plantar mamona, cuja semente é comercializada em Januária. O dinheiro, assegura, lhe permite que viva “no cantinho da gente. A gente vive feliz”.



Arcos de São Gonçalo. Localidade de Olhos d'Água, Cônego Marinho

VALDIR E O REGISTRO DOS TIPOS HUMANOS



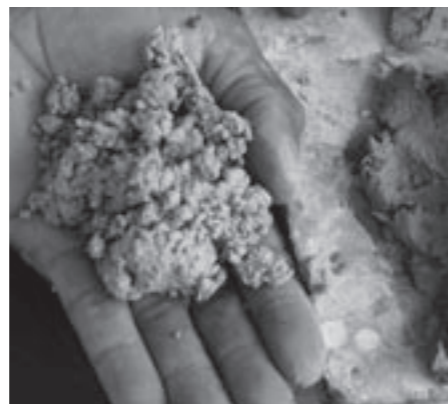
Valdir Rodrigues da Silva nasceu em 12 de agosto de 1961. Trabalha na portaria de uma empresa estadual de serviços urbanos, no centro de Januária. Seu dia-a-dia, no entanto, não se resume à rotina do emprego; se completa no quintal da casa em que mora com a esposa e filhos, onde, ouvindo o cantar incessante dos galos criados

por um vizinho no quintal ao lado, modela figuras que retratam principalmente o mundo rural da região em que vive.

Mulher descascando pequi, debulhando milho, ralando mandioca, socando no pilão, dando comida para criança, amamentando, grávida, vovó tricotando, pescador, lavrador, lenhador, carro de boi, carroça de burro compõem a temática desenvolvida pelo artista. Em parte porque “completa

sua alma”, como afirma. Em parte porque esta é a demanda dos turistas que, em busca do “produto típico” da região, visitam o Centro de Artesanato de Januária, local onde o artista comercializa toda a produção.

Os objetos são feitos de uma pasta resultante da mistura de barro, papel e cola. Os primeiros trabalhos eram feitos com um tipo de papel grosso, até que resolveu trocá-lo por papel higiênico, facilitando a modelagem e a secagem das peças, que não são levadas ao forno para queima. Feitas a mão com auxílio de ferramentas simples, como faquinhas,



furador e chave de fenda, as peças, quando secas, são pintadas com tinta acrílica para parede, de origem industrial.

Diferente de outros artistas populares, sua arte não vem da infância e sequer foi herdada dos pais, conforme o tradicional repasse “de geração a geração”. Sua mãe era originária de Carinhanha e o pai nasceu no município baiano de Nazaré das Farinhas, sem que tenham participado de qualquer unidade de produção artesanal que lhes possibilitasse transmitir aos filhos os conhecimentos aprendidos.

Indagado acerca de sua produção, que identifica com o universo artístico, o artista assim se expressa:

Eu não tenho palavra pra explicar o que é arte, não. Muitas vezes eu vou lá no Centro de Artesanato, fico olhando aquilo tudo lá e não sei explicar. Fico pensando: é alguma coisa da alma. É uma coisa espiritual. Não tenho palavra para explicar. É o mesmo que a gente querer explicar a fé da gente. A fé religiosa. É alguma coisa que a gente sente. Não é coisa pra ser explicada. Não se explica esse tipo de coisa. Explicar arte é a mesma coisa que querer explicar uma pedra. Porque a pedra tem muito detalhe, muita coisinha. Eu não tenho palavra pra explicar o que é arte para mim.

Religião e arte se constituem em dois universos de grande importância para o artista. Há alguns anos, tornou-se evangélico e hoje é diácono da igreja que frequenta. Talvez esteja aí a explicação para ter tomado a religião como parâmetro de comparação com a arte, realidade que, confessa, ser de busca constante. Tendo iniciado a produção de figuras há pouco mais de cinco anos, Valdir revela continuar à procura da “peça perfeita”, aquela que irá completar plenamente seus anseios de artista.

Eu tenho na minha mente o desejo de fazer uma coisa inédita porque eu nunca estou satisfeito com o trabalho que faço. Quando termino de fazer um trabalho, olho e acho que está bonito, mas sempre falta alguma coisa. Não sei o que é mas sinto que sempre falta alguma coisa. O pessoal diz: “moço, tá lindo!”, mas no meu íntimo mesmo, nunca fico satisfeito. Falta alguma coisa.





Carlos Roberto Gonçalves é filho de Pedro Luz Lisboa e de Terezinha Gonçalves Lisboa, tem três irmãos e nasceu em 8 de agosto de 1965, na zona rural conhecida por Limoeiro, na localidade de Levinópolis, município de Januária.

Carlos revela ter lembrança de que por volta dos quatro anos de idade fez seus primeiros desenhos e conta: “aos sete comecei a entender um pouco o que era desenho. E aos dez foi quando me defini como desenhista, desenhando personagens de revista em quadrinhos como Zorro e Fantasma”.

A despeito de uma definição tão precoce, o desenho não se configura como único experimento vivido pelo artista no decorrer de sua vida.

Fui vaqueiro, capinador na roça, cortador de cana, vigia de arroz, zelador, faxineiro, balconista, empacotador, entregador, motorista, almoxarife, auxiliar de administração, faturista, auxiliar de contabilidade, administrador, gerente, vendedor, comprador, cartazista, letrista, pintor de parede, professor, escritor e poeta nas horas vagas, locutor de rádio, promotor, mestre de cerimônias, jornalista, redator, editor de vídeo, fotógrafo, cabo-man, cinegrafista, designer gráfico, arte-finalista.

Muitas ocupações, andanças, experiências. No entanto, a proximidade com as linguagens artísticas é constante, onde quer que esteja. “Acho que já nasci artista”, declara.

Em 1985 realizou sua primeira exposição, na Praça Getúlio Vargas, em Januária. Na época não vivia da arte e trabalhava numa cooperativa. “Eu não tinha uma linha definida do que queria. Via nos livros ‘expressionismo’, ‘surrealismo’, ‘abstrato’, ‘paisagismo’. Não sabia o que era isso tudo. Não tinha especificidade de arte. Aí comecei estudando.”

No final dos anos 1980 estava morando em Pirapora, empregado em uma grande empresa nacional que realizou um concurso de arte entre os funcionários das muitas unidades distribuídas pelo país, do qual Carlos saiu vitorioso com

o desenho que havia preparado. Foi assim que viajou ao Rio de Janeiro e, pela primeira vez, vislumbrou a possibilidade de viver da arte.

Do Rio, Carlos foi para São Paulo, onde trabalhou no departamento de arte de uma gráfica, dedicando-se à arte-final para montagem de clichês. Retornando a Januária na década de 1990, começou a fotografar Candéal, Peruaçu, Pandeiros, beira do rio São Francisco. Queria um olhar diferenciado dos demais fotógrafos, na busca de um tipo particular de fotografia que captasse imagens e expressasse seus anseios de artista.



Hoje possui um acervo de 5 mil fotos, resultado de seus registros pela região. Foi a partir dessas imagens que chegou aos cartões-postais ilustrados com aquarelas, que reproduzem paisagens, cenas e tipos humanos da região de Januária.

A respeito do nome, Carlos adotou o designativo Moreno no final dos anos 1990 “por necessidade de trabalho”. Naquela época, pouco depois de retornar para Januária, começou a trabalhar numa rádio comunitária, onde havia mais quatro Carlos. A coincidência de nome criava muitos problemas à convivência diária. Foi-lhe sugerido então que adotasse o codinome Carlos Negão, que achou “muito pesado, dava uma conotação muito racista”; depois desse, Carlos Moreno, nome que adotou.

Embora tenha gostado do nome escolhido, continuou, no entanto, a sentir que ainda faltava um componente que



lhe desse identidade como artista. Em 2002, iniciante em desenho de humor, participou do I Salão de Humor de Montes Claros, onde conheceu o cartunista Ziraldo, que com ele concordou: o nome Carlos Moreno era bom mas, como marca artística, faltava algo. A seguir, o amigo, Marcio Leite, também artista, sugeriu que reduzisse seu nome para Moreno, simplesmente. Assim fez. Mudou para Moreno, apenas, e “o nome pegou”, embora tenha permanecido a sensação de incompletude por ainda não ser este um nome artístico. “Eu pensava: moreno não é uma cor. Eu vou ter que trans-



formar isso em cor. Minha vida é essa cor. Cor morena.”

Foi então que, retornando às lembranças da infância, do local onde nascera e vivera seus primeiros anos, próximo ao vale do rio Peruaçu, lembrou-se de que ali perto havia um povo ceramista cuja identidade era dada pelos desenhos com que guarneciam seus potes. Eram as “mulheres do pote”, que pouco mais tarde passariam a ser conhecidas como “mulheres do Candéal”⁶.

Tradicionais produtoras de louça de barro, essas mulheres adornavam as peças que produziam, ao mesmo tempo que lhes atribuíam identidade particular, com volutas e arabescos desenhados com tauá, espécie de pigmento natural de origem mineral constituído por dióxido de ferro. Especialmente um arabesco, no formato de espiral em sentido contrário ao movimento do relógio, chamou a atenção do artista, que o incorporou a seu nome, em substituição à letra O, consagrando-se assim sua assinatura.



CARLOS ROBERTO: O POVO, OS VAPORES E O RIO



Carlos Roberto Barbosa de Souza nasceu em 24 de agosto de 1966, em Januária, de onde jamais saiu, seguindo os passos de seus pais que também nunca deixaram o município.

Carlos se recorda que tinha entre 12 e 14 anos quando, pela primeira vez, tomou de um pedaço de madeira para com ele criar uma peça. Primeiro, procurou construir uma embarcação. Daquelas

que, desde menino, via descer e subir o São Francisco, como o vapor que ao longe apitava avisando a população de sua aproximação, fazendo o garoto deixar todo brinquedo e correr ao porto para vê-lo atracar. Foi no mato, cortou um galho ainda verde de imburana e pôs-se a calcular como faria para transformar aquele tosco pedaço de pau no belo vapor, de diversos andares, que tanto admirava. “Fiquei imaginando...

tem aquela parte de cima... tem a parte de baixo... tem um andar... tem uma escadinha...”

Numa das primeiras peças que fez, serviu-se de lascas de madeira compensada do guarda-louça da mãe para fazer os andares e detalhes do vapor. Também, justifica, o móvel já estava meio desgastado mesmo. A mãe tinha o hábito da sesta e era esse o momento escolhido por ele para ir extraíndo os pedaços de que necessitava para sua obra. A mãe ouvia o estalar da madeira sendo partida e, do quarto, perguntava:



Que barulho é esse aí, menino?

Eu falava: – Nada. Não é nada não, mãe. E corria. Eu puxava uma tabuinha e corria para o quintal. Aí eu ficava lá fazendo.

Minha mãe vinha: – Moço, o que você está fazendo?

– Nada não, mãe. Estou fazendo um barquinho aqui.

– Moço, você está acabando com o fundo do meu guarda-louça?

E me pegava de cascudo. Mas eu continuava. E minha mãe falou:

– Ah! Pode pegar e acabar com o armário. Você já quebrou tudo mesmo!

E jogou lá no quintal. Aí eu aproveitei. Assim eu fui aprendendo. E para mim estava bonito.

O gesto da mãe, aparentemente rude, pode também ser entendido como um incentivo para que Carlos prosseguisse em seu propósito de fazer objetos de madeira. Revelando determinação, enfrentava a crítica dos irmãos que volta e meia diziam: “– Moço, por que você não arruma um serviço? Deixa disso de mexer com pau.”

E assim o tempo foi passando e Carlos, já rapaz, com seus 18 anos, fazia objetos variados, tais como porta-ovos,

porta-óleo e saleiro. Utilitários que levava para vender na Casa da Memória de Januária. Foi lá que conheceu, além de dona Maura, gestora da instituição, o casal Waldeci e Márcia, artistas que, congregando diversas pessoas, criaram o grupo Arte e Mão, que lutava pelo apoio às artes e o artesanato na cidade.

Foi também na Casa da Memória que Carlos viu pela primeira vez uma peça feita por Lico, um dos escultores de madeira mais consagrados da cidade. Tratava-se de um vapor:

Eu fiquei doido. Eu vi a peça dele e admirei. Não era inveja, não. Que trabalho bonito! Que cara que trabalha bem!

Uma vez eu falei: – Um dia eu ainda faço um barco desse.

Tinha um tio dele que ouviu e riu: – É, isso aí é só pra quem tem mesmo memória.”

A busca pela expressão em madeira que se iniciara no menino de 12 anos encontrou seu caminho



na obra do grande artista. O primeiro grande vapor que Carlos construiu media 1,60m e foi todo feito em imburana. “Ficou perfeito. O casco dele ficou perfeito, só a gabina [cabine] que ficou pequena. Aquela parte de cima ficou pequena”. São dessa mesma época, por volta de 1984, os primeiros boizinhos, carros de boi, canoas e embarcações em geral.

Os boizinhos saíam meio buchudos. As canoas, eu não tinha muita base, via as canoas dos pescadores mas não tinha base na hora de cortar na madeira. Não sabia como era a bitola, e as proporções, largura, altura. Eu fazia umas canoas que pareciam uma gamela. Mas achava que estava bonito demais e levava pra Casa da Memória.

Na Casa da Memória Carlos encontrou as primeiras orientações técnicas para o trabalho que viria a executar, destacando a importante contribuição que Waldeci Guimarães teve em sua obra:

Ele chegava e falava: – Olha, pra você ver. Vou te dar uma idéia: estreita mais uma canoa dessas e veja que diferença.

Eu olhava pra canoa e achava que a mais larga estava mais bonita pra mim e a estreita estava muito sequinha: – Isto está muito feio demais, moço!

Mas aí Waldeci falava pra mim: – Não, Carlos. Você tem que ter a proporção das coisas. De largura. Essa aqui ficou mais bonitinha, estreita, e essa aqui está parecendo uma gamela.

Eu falava assim: – Esse cara está gozando de mim. E ia embora. Passados uns tempos, vi que ele estava certo. Aí, as primeiras canoas que eu fiz mais estreitas, vendi tudo, e as canoas mais largas, não vendia quase nada. E aí eu fui indo. O Waldeci me ajudou muito. Hoje, a Vânia, a Teresa, o pessoal do Centro de Artesanato, me ajudam também.

SILVIO: O MUNDO EM MINIATURA



Silvio de Almeida Lisboa nasceu em Januária, em 14 de setembro de 1967. O mundo da madeira está presente em seu grupo familiar há, pelo menos, três gerações. O avô fazia “serviço rústico”, como afirma, pois entalhava colheres de pau, pilões, gamelas. O pai seguiu seus passos fazendo os mesmos objetos utilitários para atender à demanda do mercado regional.

Criado nesse meio, Silvio também se dedicou ao entalhe desse tipo de objetos até descobrir que toda sua predileção se voltava para a confecção de peças miúdas, reduções do mundo real que executa na madeira procurando observar detalhes mínimos. São vapores, barcos, canoas, carrancas, colheres de pau, gamelas, pilões. Em muitos deles, vendidos principalmente no Centro de Artesanato e em boxes do Mercado Municipal mediante pedido, escreve “Lembrança de Januária”, constituindo-os suvenires da cidade.

Gosta de fazer peça pequena, explica, porque recebe a encomenda de “um tanto de coisa”. Aí, trabalhando de modo seriado, executa o pedido com maior rapidez. Primeiro prepara todas as partes, uma a uma, reservando-as para, a seguir, pregar e colar, finalizando as peças; “fazendo uma sozinha parece que demora mais e a gente enjoa”.



Suas primeiras miniatras, gamelinhas, foram vendidas para um bar da localidade de Brejo do Amparo, onde reside com o pai. Era ainda bastante jovem, tendo iniciado a mexer com madeira por volta dos nove anos de idade.

Eu tinha nove anos quando saí a primeira peça minha. Pegava a faca e começava a cortar. Meu



Praça do Brejo do Amparo

pai via e brigava comigo:

– Menino, larga isso. Você vai se cortar.

Eu largava. Quando ele não estava perto, depois que ele dava as costas, eu pegava de novo e assim fui aprendendo.

Os anos se passaram e, atualmente, com pouco mais de quarenta anos, Silvio tem o pai como referência para seu trabalho. Além de atuarem juntos diariamente, o pai é uma espécie de balizador do que o filho realiza. Se hoje já não é mais o agente de comercialização da produção filial, continua a auxiliá-lo, aconselhando sobre a melhor maneira de executar um trabalho, julgando o resultado daquilo que Silvio constrói.

A primeira pecinha que eu fiz pra vender mesmo, fora daqui, foi um vaporzinho, sem a portinha e janela. Meu pai levou pra um moço que comprava as coisas da mão dele lá no mercado. Quando chegou lá, ele mostrou para o moço e a peça passou no teste. Aí eu falei que era professor e fui fazendo outras. Mas até hoje, lá em casa, quando eu estou fazendo uma peça, eu pergunto a ele se o lugar de colar é ali mesmo, se tem aquilo mesmo. Porque eu tenho que fazer do jeito que a peça foi. Do jeito que é.

Silvio trabalha com tipos variados de madeira: imburana-vermelha, imburana-de-cheiro, cedro, pinho. Na realidade, constrói suas peças com qualquer tipo de madeira que se sujeite, sem partir ou esgarçar, ao corte do serrote, da plaina, da faquinha afiada. Suas peças podem ser envernizadas, de acordo com a preferência do comprador, dado que “muita gente gosta natural, outra gente gosta com verniz. Depende da pessoa”. Quando ocorrem encomendas, trabalha diariamente, em horário integral. Por vezes, até mesmo à noite, quando costuma colar as partes que, uma vez unidas, formam as peças. Embora diário, o trabalho tem, geralmente, ritmo intermitente, com várias paradas durante o dia. “A arte força muito a gente. Você tem que parar um pouquinho, deixar pra lá, depois tornar a pegar. Você tem que estar com muita calma, não estressar não. Tem peça que é muito delicada, tem que botar calma senão quebra tudo.”

Silvio estudou até a sétima série do curso primário. O colégio foi abandonado porque teve que ajudar o pai,



de família extensa, dividindo o ônus da manutenção da unidade doméstica quando a mãe adoeceu.

Tinha um tanto de coisa pra fazer. Pai não dava conta. Mãe tava doente e meus irmãos tudo pequeno, tudo pra cuidar. O mais experiente lá era eu. Eu ia pra escola, aí parece que não encaixava nada assim. A gente já ia dormir estressado. O mais velho era eu e pai tinha encomenda uma atrás da outra. Eu falei: 'Eu vou parar um pouco aqui e vou ajudar meu pai.' E nunca mais voltei pra escola.

Desse modo, Silvio deixou para trás o colégio, de onde saiu “com nota boa, não foi nota ruim, não”, e mergulhou nesse mundo do trabalho artesanal em madeira de onde nunca mais saiu. Não se queixa. Como diz, “dá pra viver”. Nesse mundo que é também da arte; que realiza seus desejos, completando seus dias.

A arte, a gente não tem explicação pra arte. Você tem que gostar da coisa. Acho que todo trabalho que a pessoa faz ele tem que gostar, gostar mesmo daquela peça. Ele tem que jogar o amor naquela peça que ele está fazendo. Mas

o que eu gosto mesmo de fazer é o vapor. O vapor tem três andares. Eu mesmo não vi aí no rio. Eu vi chegar barca bem bonita aí, mas não era vapor. O Benjamim, o Cote-gipe, o São Francisco, só vi em retrato. Aí eu tiro e faço na madeira, do mesmo jeito.

JOSÉ FRANCISCO: O MUNDO POVOADO POR SERES FANTÁSTICOS



Escultor, José Francisco se revela pessoa de imaginário inusitado, que dá forma na madeira a criaturas fantásticas que povoam sua imaginação. São híbridos de seres humanos e toda sorte de outros animais, como pássaros e peixes. Especial atenção é dada aos quelônios: tartarugas,

José Francisco Lopes Figueiredo mora na sede de Cônego Marinho, onde nasceu em 16 de março de 1969. Ali também nasceram seus pais e cinco irmãos, dos quais três faleceram.

Escultor, José Francisco se revela pessoa de imaginário inusitado, que dá forma na madeira a criaturas fantásticas que povoam sua imaginação. São híbridos de

cágados, jabutis que, esculpidos, especialmente em imburana, preservam características que remetem a mundos distantes, aos tempos jurássicos, pré-humanos.

Comecei pegando uma raiz e fazendo umas coisinhas, uma cobrinha, um bicho. Botava dentro de uma caixa e guardava. Só depois é que apareceu esse negócio de artesanato. Apareceu uma mulher aí e indagou se tinha alguém que fazia essas coisas. Aí falaram:

– Oh! Tem um rapaz lá que faz. Ele tem uma porção lá, guardado.

E eu já ia jogar fora porque não tinha valor. Aí ela falou:

– Pois eu vou mandar o pessoal lá ver essas peças. Aí a Iraci, da Secretaria de Educação, e o Mauro, da Emater, começaram a pegar as peças, levavam. As que tavam boas passavam. As que não tavam, voltavam. Eu consertava ou jogava fora e fazia outra.



Por essa época, José Francisco estava próximo aos 30 anos. Acabara de voltar de São Paulo, onde morou por duas vezes, sem-

pre em busca do mercado de trabalho. Da primeira vez, a viagem durou dois anos, tendo retornado a pedido do pai, que, eleito festeiro de Santos Reis, solicitou seu auxílio para conduzir o ano de preparação da festa. “Meu pai botava roça e é folião de Santos Reis. Já cantou muito por aí. A profissão dele é essa, cantar em folia.”

Da segunda vez em que esteve em São Paulo, trabalhou como segurança num estacionamento de carros. Voltou a Cônego Marinho para visitar a família e acabou ficando na cidade. Nunca mais retornou à capital paulista. Casou-se com Terezinha e tem uma filha de nove anos de idade, de nome Luana.

A primeira peça que fez, recorda-se, esculpiu em raiz de juá. Foi a figura de um homem, “boneco sem perna com uma cobrinha pregada nas costas”. A partir dessa peça foi criando muitas outras. “Dali pra cá fui diferenciando as coisas, fazendo um tatu, um cágado, uma tartaruga, um peixe, um barquinho, uma carranca, um bonequinho.”



Assim descrita, a obra de José Francisco soa naturalista, sem algo que a distinga da reprodução de imagens do mundo real. No entanto, suas peças são sempre marcadas pela presença do insólito, do incomum, do extraordinário.



O cágado pode trazer sobre o casco a figura de uma ave, misto de tucano e gavião. O barco transporta imenso revólver, que ocupa toda sua extensão. Grande parte das peças que esculpe sequer se refere a seres da realidade palpável, são figuras que habitam um outro mundo, fruto da imaginação do artista, que dá livre forma ao pensamento. “Eu sou assim: tudo que vem na idéia eu faço.”

José Francisco não é artista de prefigurar o que pretende realizar. Não cria esboços no papel. As imagens vão surgindo diretamente do corte. Muito raramente risca com lápis a madeira, desenhando linhas gerais que orientam o corte, antes de começar a entalhar com auxílio de uma pequena faca. “Já vou direto na madeira. Parece que o desenho já está na

idéia. Eu meto a mão e faço.” Seu trabalho é miniaturizado. “Peça grande eu não sou treinado pra fazer. Tem diferença em fazer uma coisa grande ou uma coisa pequena.” Peças de dimensões reduzidas que, nem por isso, se tornam uma arte menor. São grandes obras, resultado de uma imaginação fértil e criativa.

Eu já vendi muito. Já comprei muita coisa pra dentro de casa, as pessoas dando essa força pra mim. Eu tendo força, fazendo, as pessoas estão comprando e ajudando a gente. Então a gente tem que fazer esse esforço, ter essa fonte de renda porque o dia que eu estiver aí, sem força para o serviço de roça, já tendo minhas 20 ou 30 peças aí, vendo e já tenho meus cem, cento e cinquenta reais na mão. É melhor do que ficar pra cima e pra baixo aí, caçando coisa que não interessa.

Artista, José Francisco também é trabalhador rural. Volta-se para o cultivo da terra quando consegue uma área para plantar, quando um fazendeiro querendo “amansar” um terreno cede-lhe o espaço para cultivo, muito embora diga que “a produção da roça já não tem mais força. Depende da chuva e tem ano que não dá nada”.



Frente da casa do artista

pensamento esculpindo as figuras de seu mundo imaginado. Quando “pega serviço de roçado, só mesmo nos finais de semana”. À noite, “quando o olho pesa”, não costuma trabalhar. É o tempo de assistir à televisão.

A madeira que trabalha é conseguida nos campos da região, a despeito dos problemas relacionados ao seu uso não autorizado.

Às vezes, a gente vem com um pedaço de madeira e o cara quer multar a gente. Aí eu provo que estou trabalhando na coisa certa, não estou derrubando a madeira. Então eu estou pegando essa madeira, reciclando ela, transformando em outra coisa. Eu não derrubo ela. Já apanho essa madeira velha que, se ficar lá no mato, bicho vai comer.

Quando em casa, inicia o trabalho de escultura ainda pela manhã cedo. Dada a dimensão reduzida do que esculpe, não há um espaço específico para tal. No quintal, na varanda de frente da casa ou mesmo na sala, em frente à televisão, o artista dá forma ao

Pessoa especial? Sim. Podemos afirmar ser José Francisco um daqueles indivíduos que conseguem ver formas que povoam um mundo desconhecido de muitos. Isso, no entanto, não o faz se sentir diferente dos demais seres humanos pois, como afirma, “tem gente que vem aí e gosta do meu trabalho. Outros dizem que eu tenho inteligência e por isso eu faço. Eu digo que inteligência todos têm. O negócio é querer fazer. O negócio é aproveitar a inteligência e fazer.”

Inteligência e motivação que guiam seu fazer artístico, sempre continuado, renovado:

Eu quero fazer uma mistura. Quero aprender a fazer um leão, um cachorro porque a pessoa chega e fala: 'Tem jeito de você fazer um leão?' Eu digo: 'Agora tem.' Porque tem muita gente que quer uma coisa diferente. Aí a gente embola tudo.

E com essas criações fantásticas que não se encerram, o artista vai povoando o mundo.

RICARDO ALVES: REGISTROS DO MUNDO RURAL EM ÓLEO
SOBRE TELA



Ricardo Pereira Alves nasceu em Pirapora, em 19 de janeiro de 1982. Chegou em Januária há cinco anos, levado por parentes da moça que há dois se tornou sua esposa. Foi em busca de oportunidade de trabalho, empregando-se num mercadinho. O

emprego não deu certo mas, integrando-se à vida local, ali permaneceu, graças, em especial, à pintura, atividade que abraçou e, hoje, ensina em oficinas do projeto *Ensinando a pescar*, do SESC local, que se realiza no Centro de Artesanato de Januária.

É nesse espaço que normalmente é encontrado, junto a aprendizes de diferentes idades, unidos pela ânsia de aprender os segredos da pintura a óleo.

O encontro com as artes começou a acontecer quando ainda morava em Pirapora, onde se voltou para a confecção

de peças artesanais diversas, como objetos em bambu, bijuterias, molduras e velas decorativas, um pouco por *hobby*, inclusive a pintura, feita esporadicamente nos fins de semana, quando dispunha de maior tempo livre. Além disso, também executava desenhos para trabalhos escolares. Porém, sempre lidando com material de baixa qualidade, como tinta guache escolar, adquirida no comércio local. Tudo feito, conforme gosta de explicar, praticamente apenas com as mãos e ferramentas simples, sem emprego de maquinaria pesada.

Contudo, foi em Januária que deu “um grande passo no caminho da arte”, ao descobrir novas técnicas de pintura, em especial, a tinta a óleo. Autodidata, seu aprendizado se deu a partir de revistas em livros, cujo estudo lhe permitiu aprimorar o conhecimento, distinguir tipos de material e desenvolver o dom “que estava guardado”.

Ricardo explica que a adoção da tinta a óleo sobre tela na realização de seu trabalho se deve ao reconhecimento de ser este o material que melhor qualidade apresenta.



A pintura a óleo é a mais clássica de todas. Comprovado por quase todos os artistas que é o melhor material de se trabalhar porque tem um acabamento melhor, o efeito dela depois de pronto é excelente e também o tempo de secagem. Demora a secar, então, se o artista quiser mudar alguma coisa depois de dois dias, ele pode porque a tinta ainda está molhada.

A tinta, o artista adquire no comércio local de Januária, e revela seu desejo de vir, um dia, a trabalhar com tintas de melhor qualidade, importadas, “tintas que não amarelam com o tempo”. A busca de qualidade para realizar sua obra o leva também a confeccionar as telas que utiliza como base para a pintura. Embora pudesse adquirir telas no comércio de Januária, prefere fazê-las utilizando lona mais resistente.

Em relação à temática que explora, diz Ricardo:



Eu pinto um pouco de tudo, mas o que me identifico mais é o regional mesmo. A cultura popular, o interior, o folclore, o cotidiano, os costumes regionais, o povo simples do campo, o homem que trabalha e vive da terra, sua cultura, seu jeito ali de viver na roça, suas paisagens interioranas, o rio e o sertão mineiro.

A inspiração para o desenvolvimento da temática é buscada em diferentes fontes. Uma fotografia ou uma cena de televisão são suficientes para fazê-lo de imediato rascunhar

num papel a imagem vista, guardando-a para posteriormente fixá-la em tela.

Raramente viaja pela zona rural, mas a visão de pessoas nas ruas da cidade, a maneira de caminhar, os modos de se vestir, de ser, indicam-lhe a procedência rural. “Aí, pego aquilo e desloco para o contexto da roça. É o mesmo jeitinho.”



As imagens formadas a partir das fotografias, da televisão e das cenas do cotidiano urbano se somam às lembranças que o artista guarda na memória, quando, ainda criança, morou, até os sete anos de idade, com os avós, na zona rural de Pirapora. Do conjunto dessas vivências e memórias vão surgindo



as telas do vapor Benjamin Guimarães, os carros de boi, a moagem da cana, os alambiques de produção de cachaça, a feitura da rapadura. Imagens do São Francisco que se conservam em telas.

NOTAS

1. Termo local que designa aqueles que trabalham de modo artesanal, produzindo objetos de madeira, especialmente utilitários, como gamelas e pilões.
2. Sobre o conceito de arte popular, ver Lima e Ferreira (1999) e Frota (2005).
3. Sobre as carrancas e a obra de Mestre Guarany, ver Pardal, 1981.
4. Todos os depoimentos foram gravados em agosto de 2008.
5. Ver, por exemplo, Vitalino Pereira dos Santos (1908/1964), ceramista do Alto do Moura, Caruaru, PE, considerado um dos expoentes da arte nacional, citado em Frota, 1986.
6. Acerca das ceramistas do Candéal, ver Lima, 1998 e 2006.

BIBLIOGRAFIA

- FONSECA, Edilberto José de Macedo (Org.). Santeiro dos Gerais das Minas: Manoel Sílvio A. Fonseca. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2006. (Sala do Artista Popular; 133).
- _____; CHAVES, Wagner (Orgs.). Sons de couro e corda: instrumentos musicais tradicionais de São Francisco, MG. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2005. (Sala do Artista Popular; 124).
- FROTA, Lélia Coelho. Mestre Vitalino. Recife: FUNDAJ, Massangana, 1986.
- _____. Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro, século XX. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.
- LIMA, Ricardo Gomes. O povo do Candéal: sentidos e percursos da

louça de barro. 2006. 234 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

_____; FERREIRA, Claudia Marcia. O Museu de Folclore e as artes populares. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: IPHAN, n. 28, p. 100-119, 1999.

_____. (Org.). Mulheres do Candéal: impressões no barro. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 1998. (Sala do Artista Popular; 76).

_____. Os gameleiros do Bom Sucesso. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2002. (Sala do Artista Popular; 104).

_____. O senhor do flandres. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2004. (Sala do Artista Popular; 122).

PARDAL, Paulo. Carrancas do São Francisco. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1981.

PEREIRA, Tereza Cristina do Carmo (Org.). Cesteiros de Januária. Rio de Janeiro: Funarte, CNFCP, 2003. (Sala do Artista Popular; 110).

VIANNA, Letícia (Org.). Matizes Dumont: a bordar a vida. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2006. (Sala do Artista Popular; 130).

CONTATOS

SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)

Rio de Janeiro | RJ cep 22220-000

tel (21) 2285.0441 | 2285.0891

fax (21) 2205.0090

mercado.folclore@iphan.gov.br

CENTRO DE ARTESANATO DE JANUÁRIA

Rua Visconde de Ouro Preto, 92 Centro

Januária | MG cep 39480-000

tel (38) 3621-1471



RIO DE JANEIRO | 23 OUTUBRO A 23 NOVEMBRO | 2008
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E
CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO